

*De cada um segundo a sua capacidade,
a cada um segundo as suas necessidades*

Friedrich Engels

esteiro

ano VIII – n.º 15

março de 2018

boletim semestral

**Festival Literário
Internacional de Lisboa
Uma proposta feliz**
Sérgio de Sousa

Poemas
João Pedro Méseder

**Modesto Navarro
entrevista
Rui Nunes –
Cinquenta anos
de vida literária**

textos (não) esquecidos

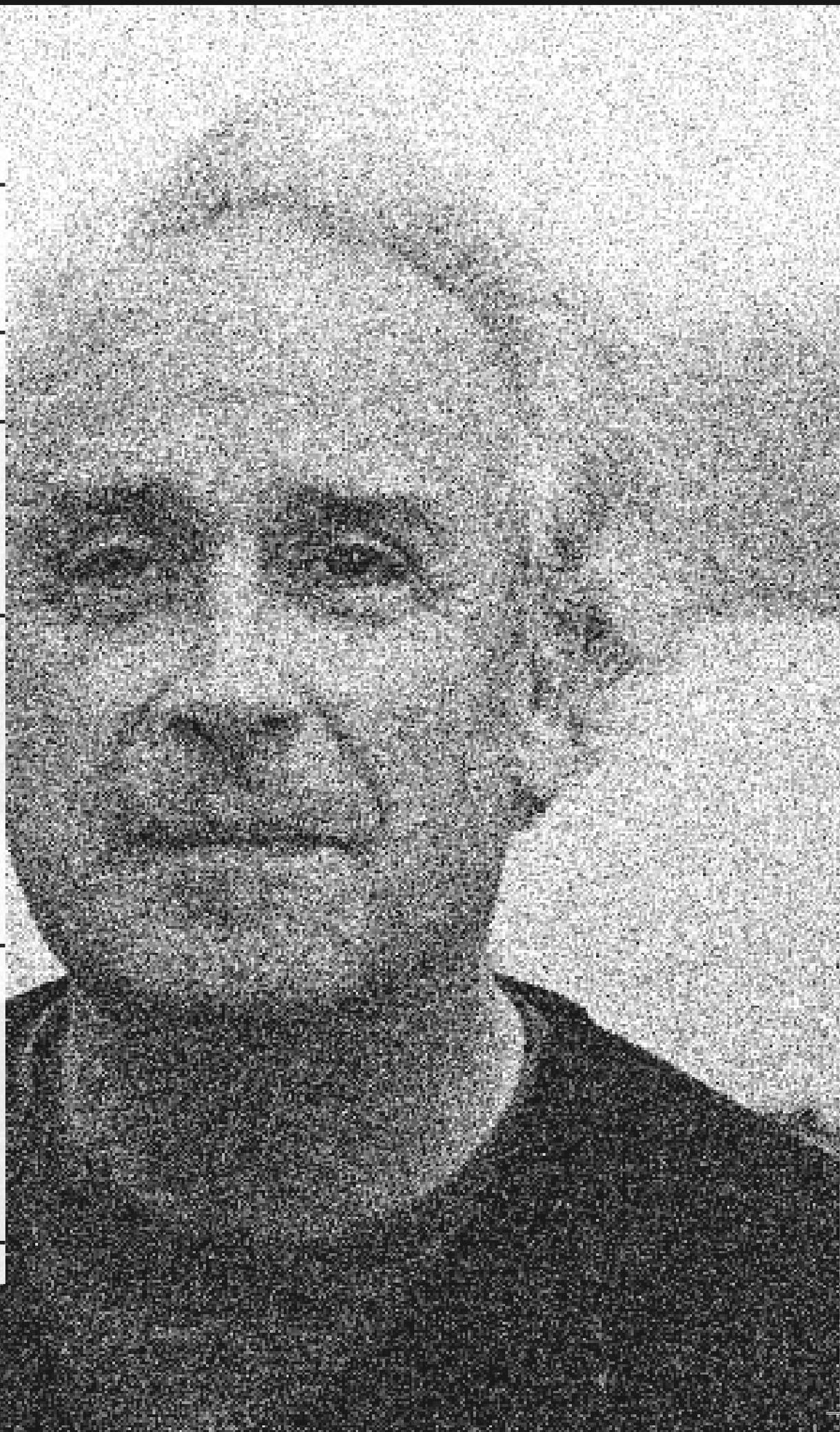
**Podem chamar-me
Eurídice**
Orlando da Costa

Outubro Quente
Armando Silva Carvalho

José Correia Tavares

***a estranha vida
das palavras***

**Notas de Viagens –
ritmos e mitos e Poemas
Ocasionais,
de Fernando Miguel
Bernardes**
Domingos Lobo





Nuno de Figueiredo
Gramática da melancolia
— *Âncora*



David Machado
Índice médio de felicidade
— *D. Quixote*



Sérgio de Sousa
Portefólio
— *Página a Página*



Ribeiro Cardoso
O 25 de Novembro e os media estatizados
— *Editorial Caminho*



Joaquim Murale
Reféns de um jogo viciado
— *Seda Publicações*



Joseia Matos Mira
E Aniceto vem à luz
— *Edições Colibri*

estatuto editorial

1. **esteiro** é o braço de rio que penetra e fecunda a margem.
 2. **esteiro** é o órgão do sub-sector da Cultura Literária do Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista Português.
 3. **esteiro**, na austeridade dos seus meios, luta pela dignificação da posição social dos escritores, parte integrante da luta geral dos trabalhadores intelectuais e braçais, por um futuro justo, belo e fraterno.
 4. **esteiro** acolherá a colaboração de qualidade de todos os escritores, seja qual for a sua orientação estética, desde que não enferme de qualquer ideologia anti-humanista.
 5. **esteiro** inserirá publicidade gratuita, logo livre.
 6. **esteiro** agradece toda e qualquer reprodução dos seus textos.
-

director **Manuel Dias Duarte**
redacção **Avenida da Liberdade 170, 1250-146 Lisboa**
tiragem **1000 exemplares para distribuição gratuita**

correio electrónico
s.intelectual@dorl.pcp.pt

sites
dorl.pcp.pt

O Orçamento de Estado para 2018,

na generalidade positivo por conter e consolidar avanços e reposições de rendimentos e direitos, evidencia ao mesmo tempo graves limitações, desde logo na área da Cultura.

Por iniciativa ou com o apoio do PCP foram incluídas no OE algumas medidas cuja valia é de salientar, como a redução de 23% para 13% do IVA sobre a aquisição de instrumentos musicais, a intervenção na recuperação da Fortaleza de Peniche e a instalação aí de um museu dedicado à luta pela liberdade, os passos no sentido da elaboração de um Programa Nacional de Emergência do Património Cultural para a sua conservação e preservação (o PS votou contra esta medida!).

Porém – e não falando já no objectivo, necessário e justíssimo, de afectar à Cultura 1% do Orçamento –, uma série de outras medidas propostas pelo PCP foram chumbadas pelo PS, com o apoio do PSD e do CDS.

No que mais directamente se refere ao livro e à leitura, foram chumbadas:

- a criação de um programa de apoio para actualização dos fundos documentais e para a renovação das colecções das bibliotecas públicas, depauperadas por anos a fio de cortes orçamentais;
- a retoma do Programa de Itinerâncias Culturais da DGLAB. Tal como as Bolsas de Criação Literária, que no ano de 2017 foram retomadas graças à proposta do PCP, as Itinerâncias Culturais, constituindo uma parcela insignificante do OE, representariam um real benefício, como em tempos aconteceu, para difusão do livro e a promoção da leitura.

A cantilena de que «o dinheiro não chega para tudo» visa ocultar as reais opções do PS: prosseguimento das parcerias público-privadas, obsessão com o défice, recusa de encarar a renegociação da dívida... É claro que assim «falta dinheiro» para a Cultura. A verdade é que Orçamento do Estado para a Cultura não é melhor porque o PS não quis.

Karl Marx nasceu há duzentos anos.

O ano de 2018 será marcado pela comemoração deste segundo centenário. Será uma ocasião para (re)visitar as obras dos fundadores do marxismo, Marx e Engels, particularmente as suas reflexões sobre a arte e a literatura. Além da participação nas iniciativas gerais já agendadas pelo PCP, para escritores e outros agentes da cultura, comunistas e não comunistas, será também uma boa ocasião para debater questões de plena actualidade como o lugar e a intervenção do escritor na sociedade, as condições de produção da literatura, a independência da literatura e ao mesmo tempo a sua profunda ligação com o contexto histórico e social. Longe de uma receita já pronta, o marxismo desafia-nos à compreensão e intervenção no presente.

Festival Literário Internacional de Lisboa

Uma proposta feliz

Sérgio de Sousa

«Nasci no tempo da monarquia e assisti, pelos anos fora até hoje, ao povo de Lisboa manifestar-se de mil maneiras, algumas mesquinhas, outras de grandiosidade incomparável como a proclamação da República, a subida de Monsanto e o 1 de Maio de 1974.»

Calçada do Sol, José Gomes Ferreira

Do Programa da Candidatura da CDU à Autarquia de Lisboa, em 2017, constou a proposta de instituição dum Festival Literário Internacional da cidade.

No dia 25 de Setembro decorreu, no foyer do Fórum Lisboa, uma sessão da campanha em que os candidatos, ora eleitos, João Ferreira, Ana Margarida de Carvalho e Modesto Navarro, expuseram os motivos que consideravam justificar a instituição do Festival e colheram, de uma assistência vasta, diversificada e participativa, testemunhos que uns expressaram quanto a eventos congéneres em que intervieram, designadamente com responsabilidades de organização, opiniões dos mesmos e de outros, incluindo representantes de instituições com escopo literário, quanto a modos de actuar, erros e inconvenientes a evitar, objectivos a perseguir, de descentralização, democratização, qualidade das comunicações e debates a receber, dignidade da animação complementar.

Saudamos um festival literário internacional que não se confine aos duzentos metros entre o Brasileira do Chiado e o Grémio Literário; existem bibliotecas públicas em Marvila, Olivais, Lumiar, Carnide, Belém, assim como noutras freguesias, e escolares – quem conhece a da Escola Homero Serpa, no Casalinho da Ajuda? – onde devem realizar-se colóquios, audições, exposições.

Um festival em que não se adjudique a empresa promotora de eventos a entrega do respectivo «pacote», por ela formatado, incorporando as habituais estrelas mediáticas para assegurar receitas sonantes; que o festival cresça da organização de iniciativas solicitadas a/e propostas por muitas e diferentes entidades, e vamos aqui lembrar apenas as mais frequente e injustamente esquecidas – já que as outras dispõem de meios para reclamar a respectiva inclusão –, escolas, associações de pro-

fessores e de estudantes, colectividades de cultura e recreio, grupos de leitura; e que se opte por idêntico procedimento quanto a convites a entidades estrangeiras, perscrutando o que sendo menos conhecido se apresente genuíno e de valia.

Lisboa resplandece num património literário produzido ao longo de séculos.

Na mencionada proposta da CDU evocou-se Camões, Pessoa, Saramago, e na sessão referida João Ferreira leu um excerto d’*A Escola do Paraíso*, de Rodrigues Miguéis, mas ainda a cidade se disputava entre mouros e cristãos quando um cruzado inglês, participante no acontecimento, em 1147, relatou numa carta a conquista daquela.

Esta componente internacional ressurgirá: por exemplo, em 1926 é em inglês que Pessoa versa *Lisbon Revisited*; Orlando da Costa, ainda que oriundo de boas raízes goesas, cfr. *O Signo da Ira*, revela-se um ambientado conhecedor da cidade em *Podem chamar-me Eurídice...* e *n’Os Netos de Norton*; em *Enseada Amena*, Abelaira coteja Lisboa com Florença.

Não pode omitir-se o primeiro grande prosador de Lisboa, Fernão Lopes, que nos legou o retrato da aleivosa, e o alvoroço da arraia-miúda ascendendo na tomada do poder. Não se chegando a Saramago sem partir de Fernão Lopes, e passar por Camões, de quem no Discurso de Estocolmo citou «*Sôbolos rios que vão / por Babilónia, me achei...*» e Vieira, que pelo Brasil e Europa viajou, mas outrossim em Lisboa escreveu e proferiu seus *Sermões*.

A materialidade de Lisboa reverberou em versos de Cesário Verde, «... fere a vista, com brancuras quentes, / A larga rua macadamizada», e de António Gedeão, «*cidade dos calafates, / rosicler de água-marinha, / pedra de muitos quilates.*»

Em Lisboa, mesmo niilistas personagens de Eça, após uma proferir que «*não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma...*», «*romperam a correr desesperadamente pela rampa de Santos e pelo Aterro, sob a primeira claridade do luar que subia.*»

Lisboa, 2017 Novembro 5

Poemas

João Pedro Mésseder

João Pedro Mésseder (nome literário de José António Gomes) nasceu em 1957, no Porto. Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho de Poesia, da CM Loures pelo livro *Fissura* (2000); Prémio Bissaya Barreto de Literatura para a Infância 2014 pelo *Pequeno Livro das Coisas* (2012). Na área da poesia e da escrita aforística, publicou entre outros *Elucidário de Youkali* seguido

de *Ordem Alfabética* (2006), *Meridionais* (2007), *Guias Sonoras e Outras Abrasivas* (2011). É autor de *Lembro-me* (2013), *Contos do Quarto Minguante* (2014) e de diversos livros para a infância e a juventude, entre os quais *Versos com Reversos* e *Palavra que Voa*, *De que Cor É o Desejo?*, *O g É um Gato Enroscado*, *Romance do 25 de Abril* e *Tudo É sempre Outra Coisa*.

João Pedro Mésseder, três poemas de *Lá Longe o Fogo*,
Página a Página, 2015

Os poucos e os muitos

Alguns poucos
atearam o fogo da guerra.
E estão vivos.
E têm nome.

Não os muitos
que hoje caíram para sempre
entre as ruínas do que ontem
era ainda uma cidade.

Desses só se sabe
que eram filhos de operários,
cantoneiros, enfermeiros, motoristas,
camponeses, carpinteiros, pescadores...

E desses – cujos retratos
não saíram nos jornais –
só um pai, uma mãe ou companheira
guardarão o nome e o sorriso

como um estilhaço de vidro
cravado na memória.

No ecrã

Chega a hora do jantar
e a guerra serve-se fria —
porque os mortos que arrefecem
não têm nome.
Os lugares, esses sim,
dia após dia os repetem:
Gaza e Cisjordânia
(como ontem Sabra e Chatila).
Ao fogo de Sharon sucede o sangue
e ao sangue a dor que se auto-imola,
como a um dia sucede um outro dia.
Mas à hora do jantar e entre anúncios
a carne dos mortos já está fria.

Ypres

Em Ypres, lá no norte,
a luz da manhã há-de acordar-te
num hotel pequeno e confortável.

Depois do café, um passeio pelos campos
onde as inumeráveis papoilas da primavera
hão-de beber com deleite o teu olhar.

De regresso às ruas da cidade
irás reencontrá-las em postais,
cartazes, capas de livros
e hás-de ouvir turistas de Castela
pronunciar amapola, a sua música.

A seguir sentar-te-ás a ler um pouco
sobre a cidade de Ypres, sobre a Flandres,
e então sentirás que alguma coisa
nas papoilas te incomoda
e que embora o seu pigmento seja outro
algo existe de sanguíneo nessa flor.

Descobrirás que outros campos não estão longe
onde lápides e lápides se enfileiram
e delas verás bem um exército,
um exército de pedras, de homens não.

Que esses jazem sob a erva, sob as lápides,
onde aquele grande monstro os devorou,
às centenas de milhar os devorou
na idade da crença e da alegria.

Sentirás então que o vermelho das corolas
e o branco dessas pedras,
ainda que belos, virtuosos,
te negarão a paz de coração que querias ter.

Em Ypres, lá no norte,
cidade de papoilas – e de ruínas
ocultas nas trincheiras da memória.

Modesto Navarro entrevista Rui Nunes

– Cinquenta anos de vida literária

Completamos cinquenta anos de vida literária em 2018. Publicámos os primeiros livros em 1968.

Como foi isso da escrita?

Comecei a publicar no *Diário de Lisboa Juvenil* e no *República Juvenil*. Tinha uns textos, uns poemas, e mandei-os para lá. E foram publicados. Mais nada, foi assim que começou.

Mas, antes disso, quando comesas a sentir, a esboçar textos e poemas?

É difícil dizer. De certo modo, talvez a minha inspiração fosse a leitura, que sempre esteve presente na minha vida, desde miúdo. E o gosto pelos livros também. Lembro-me de que, ao jantar, o meu pai discutia muito o que estava a ler. Tinha uma paixão pelo Tolstoi e pelo Vitor Hugo. Partia do livro, caracterizava as personagens e reinventava a história. E era isso o que me fascinava. Aliás, o meu avô fazia a mesma coisa com *O Conde de Monte Cristo*. Era excitante saber que variações ele iria introduzir na história.

Nunca o leste?

Nunca. Ainda hoje não sei como acaba. Não sei e não quero saber. Tenho só uma vaga ideia, porque aquilo acabava sempre de uma maneira diferente. E isso, de certo modo, despertou-me para o poder da palavra, para a capacidade que ela tem, não só de interpretar o real mas de interpretar as outras palavras. Foi esse fascínio, a relação da palavra com a realidade, que possivelmente me levou à escrita. O meu avô sabia todas as palavras que diziam respeito ao mar. Bastava eu perguntar: o que é aquilo? E havia um nome para aquilo. Isto, o pai da minha mãe, a quem chamávamos, eu e a minha irmã, o avô do mar. E havia o outro avô, que era o avô da terra. Sabia todas as palavras da terra. Também bastava perguntar-lhe: o que é aquilo?, que surgia logo o nome daquela árvore, daquele pássaro, daquele arbusto. Portanto, tinha o mundo todo ali. O mar e a terra.

Como surgiu o livro *As Margens*? Foi o primeiro livro?

Não. *As Margens* não é o primeiro livro, o primeiro foi uma coisa incipiente editada pela Início. Lembras-te disso?

Sim, mas pouco. Depois vieram *As Margens*.

... em 1968.

Lembras-te em que mês foi editado?

Não me lembro.

**A liberdade
é uma
conquista
difícil.
Exige um
esforço
constante.**

O meu livro foi editado em Outubro.

Deveria ter sido por essa altura, não?

**Sim, deveria ter sido. E, até hoje, que balanço fazes?
A tua vida, essa experiência, os êxitos, os prémios.**

Qualquer pessoa que chega aos setenta e tal anos, depois de ter escrito uma série de livros, só pode considerar o balanço positivo.

Salva-se muita escrita.

Claro, porque, se não, teria feito qualquer outra coisa. A manifestação dessa positividade é que continuamos a escrever e se continuamos é porque de certo modo é ...

É a nossa fala. E quanto aos prémios que recebeste?

Deram-me mais leitores. Já não é mau.

São necessários.

Talvez. Embora possam condicionar a autonomia de quem escreve. Mas nunca um prémio me condicionou, nem pouco mais ou menos.

Foste sempre um homem livre.

Tento. A liberdade é uma conquista difícil. Exige um esforço constante.

Lembro-me de uma entrevista que deste para o jornal Público, em que expunhas a tua visão de esquerda.

É verdade. As liberdades que se conquistaram com o 25 de Abril não podem ser alienadas: a liberdade de assumir a nossa vida, com todas as opções que lhe dão forma, a liberdade de pensar e escrever, contra os fantasmas que teimam em persistir, contra os nossos próprios fantasmas, a liberdade de denunciar o negócio em que se transformou “o mundo literário”, com as suas omissões e silenciamentos.

Que pensas da criação literária em Portugal? Os apoios, os desapoios, os problemas da edição, da distribuição, etc.?

Penso que qualquer escritor que comece, digamos assim, está confrontado com dois caminhos: um dos quais é o do negócio...

Vender papel.

Mas há outro, o da liberdade, da autonomia.

A introdução de elementos de libertação na escrita.

Se o escritor não é livre, a escrita não presta. Porque a escrita é um acto de liberdade. E esse acto não pode, não deve ser condicionado por questões que lhe sejam alheias. Só assim a escrita ganha sentido. No que me diz respeito, a relação com a realidade é fundamental. Uma escrita separada do mundo é estéril, a palavra não deve esbater o real, mas tornar mais claras as suas asperezas, os seus conflitos, em resumo, a sua rugosidade. Ora o que acontece é que a maior parte dos indivíduos que escrevem, a alguns deles não lhes chamo escritores, escreve por razões quase pornográficas, ter visibilidade, ganhar uns dinheiros, usufruir da parcela de poder que o uso da palavra e a escuta social lhe dão. No fundo, lá bem no fundo, anseiam tornar-se escritores oficiais, escritores de regime, serem reconhecidos pelas instâncias dos diversos poderes, e se possível receberem uma condecoração. Para isso, escreve-se o que não cria ondas, o que não interroga, o que não denuncia. Até se pode ser mal comportado, moderadamente mal comportado, o poder sorri benevolente e tudo continua na mesma.

Também tiveste uma visão muito especial sobre gentes desfavorecidas, com pobreza e com problemas, com perseguições.

É impossível separar a escrita de uma dimensão política e de uma dimensão ética. Para mim, essa separação não existe. Isto é, sou continuamente agredido por um determinado tipo de realidade. E é essa agressão que me leva também a escrever. Não gosto da palavra denúncia, mas ela diz exactamente aquilo que eu quero dizer: a escrita deve denunciar a violência que se exerce sobre as pessoas, a escrita tem esse elemento constitutivo da sua dimensão ética, que é a denúncia de qualquer opressão, subtil ou explícita. E é esse elemento que também define o olhar e a posição, o lugar do escritor.

Deixa-me pôr uma outra questão que se liga a essa. Há nos teus livros sempre uma exigência imensa da palavra, de transfiguração, digamos, de ruptura, e isso é tudo medido, palavra a palavra, de facto, com uma grande exactidão.

Sim, ou tenta ser, pelo menos é o que pretendo, por uma razão simples. Apercebi-me, relativamente cedo, de que as palavras não são neutras, têm uma história, um passado, e muitas vezes essa história e esse passado são arrepiantes. Elas dizem aquilo

que nós não queremos que digam. Ou seja, juntam-se de acordo com uma lógica que lhes é própria e que muitas vezes domina aquele que escreve. Ora, eu não quero que uma palavra me domine, quero ser eu a dominá-la. Ela vai dizer aquilo que eu quero. E, para dizer o que eu quero, é preciso violentá-la, combater a história que ela tem atrás e que normalmente é uma história de opressão. O poder da palavra é ambíguo, tanto pode ser libertador como opressor. Mas só liberta quando é, de certo modo, massacrada, vigiada.

Haveria outras matérias, que realmente poderíamos abordar. São os problemas da edição, ao longo da nossa vida, e a difusão do livro. Como é que se trabalha em Portugal, ou não se trabalha. Depois, vemos a dimensão das bibliotecas, das escolas, aquilo que tu entenderes, mas é essa realidade que tu atravessaste, das dificuldades.

A edição de *As Margens*, embora distribuída pela Dom Quixote, que era uma boa editora, na altura, foi paga por mim. Felizmente, hoje é diferente. Agora, de certo modo, a facilidade de edição que muitos autores têm, que alguns jovens têm, é uma faca de dois gumes, pode também corromper, porque os escritores se sentem obrigados a escrever de acordo com exigências da editora, que podem ser explícitas ou implícitas, mas que existem. Há ainda outro elemento para mim perverso, tanto no mundo literário português, como no resto da Europa. O escritor publica um primeiro livro, vamos imaginar, um livro de poemas, que é o que se edita com mais facilidade, e há críticos que transformam aquele livro, por razões muitas vezes obscuras, em “obra-prima”: aqui está um génio. O que é que isso faz? Faz com que o escritor pense “espera lá, isto resulta, vou passar a escrever assim”. E isto limita a liberdade da escrita e, ao mesmo tempo, corrói o trabalho do escritor. Logo, devem romper-se esses constrangimentos que muitas vezes não são apercebidos como tal mas como elogios. Portanto, um elogio pode funcionar como um constrangimento. Porque quem começa não começa um génio. Pode ser um génio; não sei, não gosto da palavra génio nem acredito neles, ele pode ter escrito um livro razoável, mas é muito raro que tenha escrito uma obra-prima, e ao transformar um livro meramente razoável numa obra-prima está a dizer-se ao escritor que não vale a pena fazer de outra maneira, porque já se atingiu a perfeição, e isso é de uma perversidade extrema. Tenho verificado que muitos escritores que são belíssimas promessas, chame-mos-lhes assim, não passam nunca de belíssimas promessas e acabam por morrer belíssimas promessas. O elogio é por vezes assassino.

As pequenas livrarias, as livrarias médias, desapareceram.

Gerou-se uma concentração que dá origem a exclusões.

E eu penso que este tipo de exclusão se combate criando circuitos alternativos de distribuição.

Não sei bem quais, mas pressinto que é possível.

Sobre a questão da edição. Passaste por várias situações, problemas com uns livros, mais facilidades com outros. Nos últimos anos tens escrito e publicado com regularidade.

Não tenho tido problemas com a edição dos meus livros.

E quanto à difusão?

Esse é o problema. Ou eu penso que esse seja o problema; não estou muito a par da situação, mas, por exemplo, vejo que muitos livros não aparecem nas livrarias, nem nas FNACs, simplesmente não aparecem. E essa ausência pode ser a morte de um livro, tal como a ausência de resenhas, de notícias...

É o controlo do que é exposto ou não.

A distribuição controla.

E foi também a redução das livrarias, que existiam por todo o país.

Exacto. As pequenas livrarias, as livrarias médias, desapareceram. Gerou-se uma concentração que dá origem a exclusões. E eu penso que este tipo de exclusão se combate criando circuitos alternativos de distribuição. Não sei bem quais, mas pressinto que é possível.

Cada sociedade, cada grupo segue esse caminho. Porque é o que está a acontecer, no fundo, em pequenas ou grandes realizações, em esforços mais pequenos ou maiores, aparecem de facto a escapar ao controlo que é efectivamente prática de duas ou três editoras e distribuidoras, que ocupam os espaços das grandes superfícies, das livrarias, que compram esses espaços, entregam mais barato, e sobretudo em relação aos nomes mais sonantes, ligados às televisões, aqueles que têm a imagem feita. No fundo, era aquilo que o Lopes-Graça, no âmbito da sua criação, na música, queria combater e subverter, que era o uso continuado do mesmo, de que temos estado a falar, sobre como o escritor passa a repetir-se e entra no mercado.

Repete-se para ganhar dinheiro. Pronto, repete-se.

No meio disto entram a componente das políticas culturais e a das práticas nas escolas, que é uma questão essencial, para passar pelas escolas muito do conhecimento dos livros e dos escritores. O uso dos seus livros, o trabalho sobre os seus livros. E quanto ao contacto com os teus livros, tens tido experiência disso nas escolas?

Não fui professor de português, fui professor de filosofia no secundário e verifiquei, e esse é para mim um dos obstáculos à difusão de autores e à criação do prazer da leitura, a subordinação quase canina a determinados modelos de interpretação, a determinados autores considerados canónicos que devem ser lidos e estudados...

É a tradição.

Temos a reprodução de um modelo que não ponha grandes questões. Há escolas e escolas, nem tudo é igual, mas a escola e o ensino tal como eles hoje existem podem reproduzir a visão do mundo mais conservadora e às vezes mais reaccionária. Muitos professores lutam contra isto...

Nós fizemos propostas para o orçamento de Estado de 2018, da redução de alunos por cada professor bibliotecário, exactamente para permitir um trabalho mais aprofundado. Ou seja, mais professores nas bibliotecas para ensinarem mais jovens, mais alunos, mas cada um com uma parte de alunos que não seja imensa, que seja possível trabalhar com mais intensidade e descoberta.

É uma bela proposta.

Agora, em relação ainda à crítica literária, à literatura portuguesa e aos escritores. Já abordaste esta realidade, mas às vezes é um bocado triste, não é?

É triste. Para mim é uma...

É uma espécie de guerra permanente, muitas vezes de esquecimento da literatura que inquieta e transfigura.

É o velho princípio de todos contra todos.

Não há um olhar de abertura, de vontade de descoberta, de igualdade. Venham mais velhos, mais novos, a níveis nacional e mundial, venham todos, não é?

O que acontece, e isso é das coisas mais repugnantes no universo literário, neste caso o português, é a existência de um princípio de exclusão. Jornais e críticos muitas vezes excluem autores e livros, por razões que pouco têm que ver com a literatura.

Aquilo que não interessa ao chefe, ao dono da publicação, ao patrão ...

E muitas vezes aquilo que não está na moda... Quando falamos de moda parece que estamos só a referir o que se considera uma literatura "light", mas existe uma literatura "light", paradoxalmente mais pesada, e uma literatura "light" pleonástica-

mente mais leve, e ambas são más. Embora a primeira pareça mais séria e mais erudita.

E agora vamos apontar para a situação política e social no nosso país, a tua perspectiva, o que pensas, o que exigis.

Não, não é pessimismo... Mas penso que há um sentimento disseminado na sociedade portuguesa, que é o medo. A diversos níveis, literário, político, económico, existe o medo. E o medo só gera medo.

A questão do medo liga-se à ideia de se regressar a um certo quietismo.

Porque isto é que é a vida “natural”, portanto continuemos assim...

Continuemos pobrezinhos e contentes...

“Natural” é haver pobres e ricos, exploradores e explorados, oprimidos e opressores, fracos e fortes. Estamos em pleno jogo do “natural”. E esse jogo constitui um dos mais fortes pilares da legitimação ideológica da direita. Como se toda a cultura, todo o progresso humano, não resultassem de uma luta contra a natureza. Quase ninguém hoje se diz marxista. E porquê? Porque a maior parte das pessoas subordina-se à censura cultural dominante, mesmo alguns que se dizem de esquerda. Têm medo de utilizar a palavra marxista, como têm medo de utilizar as palavras operário, ideologia, exploração, e tantas outras que se tornaram palavras-tabu, estão contaminados pela censura mais temível que é a auto-censura. Evitam utilizar essas palavras no seu discurso, transformando-o num linguajar neutro e sem força. E nós temos que recuperar a força da linguagem. Porque é por ela, pela genuinidade que essa força dá às palavras, que muitos jovens podem ser despertados para uma determinada visão do mundo. Um discurso titubeante, medroso, é um discurso inócuo, leva a expressões como: são todos iguais. E não somos.

E depois, para além do discurso, temos a intervenção.

Sim, o discurso é inseparável da intervenção. Mas a intervenção tem que encontrar, tal como a literatura, as palavras não gastas. Uma óptima intervenção com suporte de uma palavra fraca não chega onde deve chegar. É preciso reinventar o discurso. Para alertar as pessoas para a justiça e a justeza desse mesmo discurso. Porque, se não for assim, as pessoas desligam e já não ouvem.

A terminar...

Quando dava aulas, sentia que aos jovens não se pode falar com receio e com mentira. Aceitam a verdade e rejeitam a mentira. Quanto aos novos escritores, hoje há bons escritores. O meu medo é que sejam destruídos pelo elogio. Surge um escritor com força, aparece logo uma mão que vai amaciando, normalizando, até dissolver essa força no pântano do conformismo. Mas o escritor tem que saber resistir, tem que saber o que é o silêncio. E saber das razões do silenciamento.

... o discurso é inseparável da intervenção. Mas a intervenção tem que encontrar, tal como a literatura, as palavras não gastas.

Uma óptima intervenção com suporte de uma palavra fraca não chega onde deve chegar.

É preciso reinventar o discurso.

Para alertar as pessoas para a justiça e a justeza desse mesmo discurso.

Porque, se não for assim, as pessoas desligam e já não ouvem.



O som da chuva no limoeiro era diferente do som da chuva na laranjeira. E o som da chuva na laranjeira era diferente do som da chuva na romãzeira. Os nomes surgiam quando a chuva começava e desapareciam quando a chuva acabava. Entre dois sons, em simultâneo, há qualquer coisa que se recusa, ou se esconde. Os destroços? Ainda hoje, quando chove, o velho passeia por entre as árvores para ver se consegue, para ouvir se consegue, para sentir na pele da cara se consegue. Que está aí a fazer? pergunta-lhe uma criança. Quem? Esqueci-me do teu nome. Um nome que se esqueceu é a falta de um nome? Um nome é a falta de todos os nomes. Mas um nome que falta, o que é? Tu, o espaço que nos separa, o lugar vazio entre duas romãzeiras secas: o simultâneo tornou-se um precipício. Quando se ouvia Bach, diziam: é a música de Deus. E ele acrescentava: Deus só sabe dar a morte. Estamos para ali sentados à espera da apoteose. O grande final. Por isso. Por isso, o quê? Karlheinz. Quando mais um som está separado de outro, mais próximo está do simultâneo, do inacabado: o vidro cheio de gotas, as árvores para lá da janela, a falta de nome das árvores, a voz das crianças: mão morta, mão morta, e ele a chorar e a dizer, sentado no banco: mãe morta, mãe morta, e a cara do rapazito esmagada contra o vidro, e o som de uma corrida na gravilha, e o branco da parede entre os limoeiros, e a criança que tem agarrado ao corpo o que este velho esqueceu, e o gesto: um molde vazio, e uns olhos espantados, e Eichmann a estudar os horários

dos comboios, para Auschwitz, Majdanek, Sobibor, e Salazar a dizer: a pátria não se discute, e nós ainda hoje com medo de discutir a pátria, e a professora a ensinar como se fala, como se escreve, e nós ainda hoje a falar e a escrever como se deve, e o passeio de barco em Neusiedler See, e o beijo na face de Jan, e o azul das caixas de Glifanan, e o pai a morrer: o simultâneo é a eternidade monstruosa dos homens, a eternidade ponto final.

Um velho. Íntegro. Um corpo de ausências:
Desenhado com a brutalidade da minúcia.

:

Todos o vêem.

:

A exactidão de cada pormenor é nele um abandono.

:

Este velho pode ser lido até ao início. Aos inícios. Porque se dispersou pelas feridas de muitos nascimentos.

:

Cada passo que dá é uma viagem definitiva. Acabada. Está preso na distância entre um pé e outro. No silêncio entre uma palavra e outra. Riscam-lhe o nome. E ele torna-se inequívoco. Medonho. Nítido. Eichmann riscava.

Excerto, Editora Relógio d'Água, 2017

Podem chamar-me Eurídice*

Orlando da Costa

Os cabelos dão-lhe pelos ombros bem arqueados e os seios jovens desenham na blusa um movimento firme e recatado que se confunde com o seu arfar aflito. Está encostada a uma parede, como que a proteger-se da agitação que reina à sua volta: atrás de si, no pátio da Faculdade de Medicina, à sua frente, à direita e à esquerda, ao longo dos corredores, sob os arcos antigos, os estudantes acotovelam-se, forçados a dispersar. Um jovem, baixo, de óculos, vestido com um pesado sobretudo e trazendo uma grossa pasta debaixo do braço aproxima-se. De espanto e terror os olhos dela brilham num rosto sem rugas, de pele acetinada. Um pescoço delgado e firme nasce da brancura de uma gola redonda, que circunda a abertura da camisola de lã, sem decote e de mangas compridas.

— Vem! Escapemos pela escada!...— diz o jovem, tocando-lhe no cotovelo.

Ela, porém, quase que o não ouve. Os seus olhos estão fixos nas paredes do corredor, manchadas de sangue. Era um dia adiantado de Outono, um dia quase de Inverno a imaginar por aquela luz que parece incapaz de transpor os limites do pátio. No extremo do corredor um grupo de estudantes é obrigado a lavar com baldes de água o próprio sangue que espirrara para as paredes.

— Estás a ouvir? — insistia o jovem. — Lá em cima ninguém nos apanha... Aproveitemos agora. Vamos...

Um grito surdo escapa-se dos lábios dela. Lentamente, a boca cerra-se e os seus dentes mordem sem piedade o lábio inferior. Uma expressão de dor e ansiedade invade-lhe as faces brancas e frias.

— Vítor! Vítor! — exclama, lançando-se pelo corredor.

Uma mão, porém, fá-la estacar, prendendo-a por um braço.

A imobilidade tomou, por instantes, conta de si; depois a ansiedade e o terror, também. O seu olhar ficou fixo, desesperadamente fixo, como se fosse extinguir-se. Ao fundo, na direcção da entrada principal um jovem alto, de cabeleira revolta caminha, ladeado por dois homens de gabardine, que lhe pegam cada um por um braço. De portas escancaradas, um carro celular espera-os. Quando as portas se fecham e ela deixa de ver os braços e as cabeças que se agitavam há momentos, ela ouve e sente o arrancar do motor como se fosse o seu próprio coração a ranger. Um vozear imenso ergue-se enquanto a carrinha circunda, cheia e segura de si, a estátua de Sousa Martins.

— Vítor... — murmura ainda, esquecida de que tem o braço dorido e imobilizado. A praça pareceu ficar vazia, o próprio eco das vozes de protesto dir-se-ia que fundira com o silêncio, um brusco e espesso silêncio, o silêncio feroz que os perseguidores mais temem.

Ela sente que apesar das lágrimas que lhe enchem os olhos não irá chorar.

Baldeadas, as paredes do corredor escorrem água de mistura com sangue. Ouve alguém dizer «O Vítor foi preso...» e, então, como se aquela voz se dirigisse a si, sacudindo com brusquidão o braço, liberta-se da força que a subjugara até aí, passa com a mão muito aberta, revoltada e trémula, sobre a parede fria e suja de sangue e limpa-a depois à blusa entre os seios, manchando-a.

*Excerto, Editora Arcádia, 1964

Armando Silva Carvalho (1932-2017)

Domingos Lobo

Sobre *Lírica Consumível*, primeiro livro publicado da vasta obra poética, e ficcional, de Armando Silva Carvalho, escreveu Gastão Cruz:

“Quando, em 1965, saiu a *Lírica Consumível*, Armando Silva Carvalho estava já situado na poesia portuguesa. O livro existia desde 1962, ano em que lhe fora atribuído o prémio Revelação da Associação Portuguesa de Escritores. (...) Alguns dos poemas de Armando Silva Carvalho tinham aparecido nas páginas da *Antologia da Poesia Universitária* (1964), em jornais universitários ou, por exemplo, na Seara Nova.

A novidade desses textos impusera-se já, revolvendo linhas bem definidas da tradição lírica portuguesa moderna. Efectivamente, já antes de 1965, a ironia espessamente melancólica dos outubros e janeiros lisboetas de Armando Silva Carvalho havia começado a modificar a nossa leitura de Cesário.”

Gastão Cruz, Prefácio a “*Antologia Poética – Armando Silva Carvalho*” – Ed. Diabril, Lisboa, Julho de 1976

OUTUBRO QUENTE

Se Outubro aquece
aquece-nos a todos

Outubro corre quente
e dá tempo aos cegos de ficar
em frente a dedilhar os fados
vai dando tempo aos velhos
de fugir à tosse
e ao remorso
aos novos empresta a substância
amarela das conversas
dá-lhes fruta líquida
para lavar os cegos
e tempo (quente) de liquidar os velho.

Armando Silva Carvalho, *Lírica Consumível* (1965)

José Correia Tavares (1938-2018)

Poeta da ironia libertária

Domingos Lobo

Poeta da rebeldia e do inconformismo, com uma voz singular, uma prosódia que entronca no popular e no erudito, solto de garra e acinte, grave e irónica a sua fala poética perpassa os territórios da angústia social que atravessa o nosso tempo, integrando uma ironia libertária, solta de língua e imaginação, por onde o justo olhar sobre o real se expande, dilacera e re-volta.

O humor, tão arredo da nossa poesia, vive nas quadras de Correia Tavares como um ferrete de luz e sombras que atinge certo os possidórios, os biltres, a agiotagem que envenena este nosso mundo, aos quais a mordacidade destes versos desnuda sem contemplações nem falsos pudores, numa linguagem herdada das cantigas de escárnio e das cegadas populares da primeira metade do século xx:

*Há velhos cães no Restelo
precisando dois carolos
levam couro e mais cabelo
depois comem-nos por tolos.*

E noutra quadra, um mais agudo estilete:

*Nos andaimes numa fossa
uns cães em várias labutas
muito difícil a nossa
vida fácil só as putas.*¹

In *O Grande Livro dos Cães*, de JC Tavares, Edições Húmus, 2009

O seus poemas sobre a Guerra Colonial, publicados, em 1967, *Três Natais* (dos primeiros autores a abordar poeticamente essa temática) é justamente considerado pela crítica um incontornável testemunho poético sobre esses “dias de medo” e um dos referentes canónicos dessa experiência dolorosa, em que o poeta expressa o absurdo e a revolta e perplexo compara os coices da G3 aos de um cavalo:

*Nem alça nem ranhura
ponto de mira
o olhar é munição
procura
acerta na mentira
seu calibre? Nem bala
z-a-g-a-l-o-t-e-s
em Nambuangongo
Zala
fizeram de vós pexotes*

*Os coices da coronha
são de cavalo.*

E nesse belo poema que é *Natal de Camuflado*, o poeta evoca, nessa floresta em sobressalto, a imagem da mãe para que os sentidos do humano lhe não escapem:

*Natal transparente e puro e frágil como
os olhos de minha mãe, como as lágrimas
de minha mãe, como a recordação de minha mãe.*

Correia Tavares era licenciado em Ciências Antropológicas e Etnológicas pela Un. Técnica de Lisboa. Coordenou suplementos e revistas literárias, de onde se destaca *Sibila*, *Loreto 13* e *O Escritor*. Foi, ao longo de vários anos, vice-presidente da direcção da APE e coordenador do Grande Prémio de Novela e Romance daquela Associação.

Sobre a poesia de JC Tavares, escreveu Baptista-Bastos: “O poeta José Correia Tavares fez da palavra a honra de ser escrita para ser cumprida, e anda por aí a esbanjar um grande talento, tendo feito da dignidade uma bandeira do existir.”

Era militante do PCP.

Notas de Viagens – ritmos e mitos e Poemas Ocasionalmente, de Fernando Miguel Bernardes

Domingos Lobo

Ainda é possível, neste nosso tempo, subir às fontes da alegria – a de estar vivo e cantar; a de olhar de frente o mundo e, sem hesitar, desbravar os seus fundos rumores, o lixo e a usura que o fundem; dizer, em versos amargos e certos, o lastro da miséria que se exhibe pelas ruas e praças da cidade, a mão estendida à indiferença e à caridadezinha institucionalizada, que persiste para que as boas almas sosseguem à noite em lençóis de seda e a vergonha lhes não sobressalte os sonhos. As fontes da alegria onde bebe o poeta, trazem pão e leitões quentes, salário justo, liberdade e saberes. E versos que se levantam contra a arrogância agreste e violenta, contra o silêncio alheio dos mandantes, contra o medo e a guerra.

Para o poeta, para Fernando Miguel Bernardes, olhar o mundo é reflectir sobre o homem e a sua circunstância, é desvendar o interdito, é erguer-se inteiro contra os sofismas que nos tolem e revelar o invisível, o que para além dos discursos tolos e do fraque, do espectáculo mediático, dos espelhos, do rufar dos tambores, se esconde e se dilata, nos magoa e deixa sem abrigo, indignados de fúria.

A fala poética de Fernando Miguel Bernardes dá-nos tudo isto e o mais que neles, com lisura, se diz: os signos e os sinais da promiscuidade social e política, do nojo que se atrela ao nosso tempo. Voz já rara nestes dias de usura matreira, a fazer-se sonsa; voz que ousa mostrar as cicatrizes de um real que ainda gangrena sobre lodo, que ainda fere, que ainda dói. Atento, o poeta denuncia, chama pelo nome os bois do embuste, aponta a faca à ferida. Um poeta que não se ausenta de contar o estupor que percepção, de dizer alto para que não finjamos dormir, alheios ao que pulsa nas ruas, ao que se inscreve num mundo cada vez mais desigual e cruel: mas um mundo nosso e único, pelo qual somos todos responsáveis.

Nestes dois livros de Bernardes, *Notas de Viagens* (2015) e *Poemas Ocasionalmente* (2016), existe a mesma vibração do olhar, o mesmo desassossego perante o desajuste do mundo, a mesma inquirição pungente sobre o real,

*porque nos olhos de ver
a pele o rosto
há o prazer
há o desgosto*

nesses percursos que o poeta estabelece e fixa por outras geografias do humano onde o grande Satã enterra a pata bestial:

*pé ante
pé
o crocodilo
sorveu o Nilo*

*primordial constatação...
e se de Brecht
não avalias
a lição*

*vem o cifrão
papo
rotundo
absorve o mundo.*

A cultura como espaço de luta entre uma ideologia da emancipação e uma ideologia da dominação

Manuel Gusmão*

(...) Na crítica destas orientações das ideologias da burguesia, defende-se a prioridade estratégica conferida à democratização da criação cultural.

A definição dessa prioridade implica uma base de massificação do acesso à cultura mas não é suficiente, a não ser para uma concepção social-democrata. Neste caso, a democratização adquire como traço distintivo a promoção da participação que intensifica o papel dos intervenientes no processo cultural, e identifica um traço que já Marx referira: *O objecto de arte – tal como qualquer outro produto – cria um público capaz de perceber e apreciar a beleza. Portanto, a produção não cria apenas um objecto para o sujeito, mas também um sujeito para o objecto. Logo, a produção gera consumo 1.º, fornecendo-lhe a sua matéria; 2.º, determinando o modo de consumo; 3.º, criando no consumidor a necessidade de produtos que começaram por ser simples objectos.* (Marx 1857, p.220)

Marx desloca, assim, o acento para a constituição da obra e prepara o terreno para vir a afirmar que esse fazer da obra se mantém activo nela, e é o reconhecê-lo que marca o leitor/espectador e o destina a ser capaz de, também ele, criar novas obras que podem chegar a transformar o modo de utilizar a linguagem, por exemplo, numa determinada obra que deixou de ser um simples objecto, para passar a ser um produto.

Assim, Marx e Engels e Lênine, ao insistirem na democratização da cultura, estão a potenciar a sua capacidade de transformação do mundo e da vida, a desenvolverem o que nela é promessa de emancipação social e humana, enquanto o destino que lhe dá a ideologia burguesa é tão só o de manter a dominação ideológica de uma classe sobre as outras. Nos *Manuscritos Económico-Filosóficos* (de 1844), Marx já entrevira essa capacidade de as artes virem a ser, graças ao seu trabalho na história do mundo, um trabalho intenso de alargamento das capacidades dos sentidos humanos. A música, criando um sentido mu-

sical; a pintura, criando um sentido para a beleza das formas; a literatura, contando outra vez, mas sem repetição, as histórias que nos aconteceram; ou nos afectos que nos fazem, tudo isso inovando na forma de apresentação das obras artísticas, vai transformando, alargando e aprofundando a capacidade de produzir sentido e de, portanto, o reconhecer na natureza do mundo e das coisas e, por isso, aumentando a capacidade de entendimento e de produção dessa natureza socialmente humanizada.

Uma deslocação do eixo da democratização da fruição da cultura centrado na democracia da fruição para o eixo da democratização da criação cultural, é o que o marxismo revolucionário nos leva a considerar necessário para potenciar aquela capacidade da produção gerar o consumo de que falava Marx, na contribuição à crítica da economia política. E, reparemos, que Marx não atribui aqui à arte nenhum especial condão, – ele diz, lembrem-se “o objecto de arte – tal como qualquer outro produto –, cria um público capaz de compreender a arte e apreciar a beleza [...]”. Com a frieza e a paixão, com o rigor analítico e da imaginação, compreendemos o que Marx está a fazer: ele está a condenar aqueles que excluem milhões de seres humanos do convívio com a arte e a beleza, assim como os amputam de uma fracção da sua humanidade, no mesmo momento em que, numa operação em tudo semelhante, lhes roubam o pão e a água, os expulsam das suas terras e os aprisionam na condição que lhes impõem, de refugiados.

*Excerto da comunicação proferida durante a Conferência, realizada a 24 e 25 de Fevereiro de 2018, na Voz do Operário, iniciativa inaugural da comemoração do II Centenário do Nascimento de Karl Marx
Pode ser ouvida na íntegra em www.pcp.pt